



## Fotografia

# O olhar africano

## O programa Próximo Futuro da Gulbenkian traz a Lisboa os Encontros de Bamako

**Telma Miguel**

O TEMA é, em África, traumático. «A Conferência de Berlim, que dividiu povos e um continente a régua e esquadro, criou rupturas profundas», diz António Pinto Ribeiro, curador do programa Próximo Futuro, da Fundação Gulbenkian, na apresentação da exposição 'Fronteiras'.

São rupturas que, criadas a meio do século XX, continuam a fazer estragos. E é isso que se pode ver na mostra que hoje se inaugura e que é uma importação do núcleo duro dos 9.ºs Encontros de Fotografia de Bamako, a bienal que se realiza na capital do Mali desde o início dos anos 90 e que se tornou a mais importante do continente africano. Dentro e fora do continente, porque tem sido um veículo de exportação dos fotógrafos africanos na Europa e na América, onde os encontros se têm replicado.

«Os fotógrafos africanos con-

quistaram nas últimas décadas um lugar que não tinham», diz o curador. Alguns deles internacionalizaram-se e tornaram-se estrelas. Mas o que a exposição 'Fronteiras' mostra é o modo como a globalização tornou o tema das exclusões mais agudo: «As

utopias e as decepções de quem chega ao destino sonhado, os jovens que olham para o mar à espera... Mas há também o contraponto: a festa, o glamour, o colorido africano». É tudo isso que se pode ver em várias dezenas de fotografias e vídeo

dos artistas que olham de forma nova para o seu continente e também os da imensa diáspora africana.

Inserido no programa Grandes Lições é possível assistir hoje (a entrada é livre) a quatro palestras sobre o Estado das Artes em África e na América do Sul.



Foto de William Graeme e auto-retrato da marroquina Khattari Majida, cujo trabalho causou escândalo no seu país